

TRAVESSIA

Volta a pé na Ilha de Florianópolis

Durante uma expedição de sete dias em torno de uma das ilhas mais pops do País, o percurso pode se mostrar surpreendente. Bucólicas vilas de pescadores com suas tradicionais mulheres rendeiras, pinturas rupestres em rochas milenares, trechos fechados de Mata Atlântica, turistas bronzeados jogando frescobol e algumas pedras no caminho compõem o contrastante cenário desta aventura.

Texto e fotos: André Dib

Será, mais uma vez, uma jornada, outra passagem desafiadora se não tivéssemos pensado por aí há uma semana. A Praia das Lajes, ao norte de Florianópolis, foi o ponto de partida para fazermos a volta completa à ilha. Depois de sete dias festejamos o feito no mesmo ponto de onde partimos: a ilha. Trocamos o calor do sol pela brisa e o calor do ar pela água do mar. De uma ilha, que nos segue desde o sul da Ilha, só falta uma porção de história na bagagem.

Começamos os preparativos no mês anterior, depois que o Gustavo (Iniquete), jornalista, aventureiro e acostumado a grandes desafios, me convidou para fazeremos a "Volta". Enviei de imediato a nota Alexandre Calde, cineasta e cineasta, que cuidaria da filmagem e edição do material. Era, no entanto, sem um roteiro definitivo, trocamos as boas ideias por papéis. Pensamos também em comprar leites e contratar para porção do peso necessário, além de mais algumas pedras para a jornada à beira-mar. O contorno a pé de chamada Ilha de Santa Catarina, ou Florianópolis, não é das travessias mais fáceis, no entanto qualquer pessoa com um bom preparo físico, boa vontade e planejamento, está apta a fazer por aí a volta, e esta jornada de terra seca, por 200 km, em mais de 200 km de percurso. Quanto ao ar, durante a trilha, costuma ser com pedras, escombros e cortantes por trilha de pedra e fragmente marinho sob o pé. A Mata Atlântica nativa que há neste em camadas antigas trilhas de pescadores e moradores locais.

Contamos com o apoio logístico da agência Adrenalina, que foi fundamental no planejamento do trajeto e também disponibilizou o suporte para a travessia de mar que seriam indispensáveis a pé. Estivamos prontos, então para enfrentar trilhas, descobrir praias desertas e conhecer um pouco sobre as tradições e costumes dos moradores locais.



1º dia - O dia amarelo, duro, o vento brando e o tempo limpo maravam o início da nossa jornada. Começamos pela Praia dos Ingleses, onde a estreita faixa de areia e o mar azul pareciam nos convidar para um mergulho. Apesar disso, logo descobrimos que o banho de mar não era um privilégio para o primeiro dia de jornada. A nossa rotina de 30 km diários não nos daria chance para tal prazer: O costão do Morro da Felicidade foi o primeiro obstáculo a ser vencido. Controlamos bem maracá, o gancho rachado entrecortado por corais, evidentes nos locais rapidamente à Praia Brava, pequeno trecho de areia fina, voltada para o mar aberto. Marcada por hotéis e prédios de alto padrão, que foram construídos de forma planejada, a praia sofre até hoje com o problema de aquecimento e é muito comum faltar água, principalmente na alta temporada. Aos poucos a areia flutuava para trás.

Entramos em um trecho de Mata Atlântica permeado uma vegetação densa. Estivemos no Morro do Papa e começamos a enfrentar nossas primeiras dificuldades: O amarelado de água e as trilhas apagadas pelo tempo dificultavam nossa passagem. O caminho se ramificou e tivemos que tomar uma decisão, que por sinal não foi a mais correta. Depois de duas horas perdidas pelas encostas do Riço, que nos fez deslizar nos pedregulhos e abismos em direção ao mar, nos encontramos a trilha batida e logo passamos pelas praias da Lagoinha e Ponta de Casas. Chegamos à Praia do Cachoira, lugar de águas calmas e limpas, que também sofre com a especulação imobiliária, que atrai negócios com muita rapidez, que gera problemas ambientais graves e irreversíveis. Atravessamos Casa Verde, a mais próxima, pelas areias na temporada, depois Jurerê, Praia do Forte e, no final do dia, fomos brindados com um inesquecível pôr do sol, fechando assim o primeiro trecho de empreitada na Praia de Daniela.

2º dia - Recompôs por pelo sono partimos para o Pontal de Daniela onde tivemos que trocar as trilhas pela água. Detivemos os caiaques no mar, única maneira de transportar o trecho sobre o Mangueiral do Rio Raton, e, sob o voo de centenas de albatrozes, resolvemos buscar um pouco de história local. Encontramos então o trajeto e remamos até a Ilha de Raton, porção de terra que sustenta a Fortaleza de Santo Antônio, edifício que nos remete à Idade Média e aos antigos castelos europeus. Foi construída no início do século 18, como o início de consolidar a ocupação portuguesa no sul do Brasil. Depois de servir de apoio para os navios que seguiam para a Argentina e Rio de Janeiro e que usavam Raton como parada estratégica, em 1777, testemunhou a invasão dos espanhóis ao sul final do século 18. Foi ali que se deu o primeiro encontro intercultural: Tombado como patrimônio histórico, a fortaleza foi restaurada na década passada e hoje é administrada pela Universidade Federal de Santa Catarina, que procura zelar pela memória do estado.

De volta ao mar rumamos para a Praia do Sambaqui e detivemos os caiaques. Seguir por ruas asfaltadas até Santo Antônio de Lisboa, faixa de areia voltada para a costa e espaldada de antigos castelos de arquitetura açoriana, onde pescadores discutiam comilhões: escaudos, o "clássico" de maior rivalidade da ilha, partida de futebol entre Figueiras e Asa. Pegamos novamente os caiaques, por trilhas que atravessam outra área de mangue duas vezes o Saco Grande e Itacobiú, e seguimos nossa destino. Em pouco tempo, o céu transformou-se abruptamente e o azul colado de horas antes foi tomado por arremedada nuvem amarelada: Minutos depois, reinventou sob chuva intensa e fortes ondulações insistiam em nos tirar do grumo. Resolvemos parar numa pequena península e esperar a tormenta passar. Quando aportamos em terra firme, avistamos alguns "manê de ilha" (foto amarelo como o sol chamado de morador local), eram pescadores que também fugiam do mar tempo e resolveram parar por ali.

Depois de um bom bate-papo e grandes dias, a chuva nos deu uma trégua. Seguimos rumo à Avenida Beira-Mar, pouco final dos caiaques e a volta de longa caminhada. Seguimos pelo bem-organizado calçadão, onde pessoas de todas as idades praticavam esporte, caminhavam ou simples-



mente contemplavam aquela capital única, de geografia privilegiada. Contratando comissos, um intenso fluxo de carros dá volta de pedror de lazo, conduzindo madames e esportistas, ahios à beira do mar que se espelham pelo barulhento centro de Florianópolis. Passamos rapidamente pelo antigo Mercado e terminamos mais um dia ao cair da noite.

3º dia - Levantamos cedo e nos colocamos de volta à estrada, foi assim que o caminho reapresentou essas etapas. Seguimos pela BR-202 e as machucadas pedras chamaram a atenção das pessoas. Avistamos agora pelo costão e as cachilas espremidas e debriçadas no aliche do morro, pintadas com tinta de embarcações, traziam um colorido vivo, que contrastava com a paisagem urbana e deconstruída, ameaçando o interesse da cor. Pelo tarde a garoa fina nos trouxe o frio. Tivemos que desviar da rota planejada, pois não conseguimos autorização de Marinha para continuarmos pela costa (para isso passaríamos sobre uma base militar).

Ao invés de seguirmos para a Avenida Santos Dumont, alteramos forçosamente a direção para a SC-405. Avançando pelo interior da ilha, tivemos que alçar por mais 10 km o percurso. Retornamos para a costa, margeando a Laguna, conjunto de palafitas voltadas para o continente. Entramos então no Ribeirão de Ilha, distrito de capital e lugar dos primeiros moradores da região, habitada inicialmente pelos índios Canjê e, depois, a partir de 1748 pelos açorianos, que aportaram na região e iniciaram colonização pela costa de Santa Catarina. As casas geminadas e alinhadas à beira-mar sobem em suas construções a expressão de arquitetura colonial portuguesa, trazida pelos desbravadores da Ilha de Açores que foram deterrados no século 18 e constituíram estavelmente a história da região. Fomos dormir depois de uma boa refeição à base destras, aproveitando a solididade e o bom preço, já que o distrito é um dos maiores criadores do País.

Apesar da agitação da capital, a natureza insiste em te manter próximo, Praia Mele



A comunidade de pescadores é muito presente na ilha, assim como a Praia de Forte, a ilha, pescador organiza e mar com castelo, no Plateau de Sol



P. SUL

4º dia. - A chuva insistiu em cair e o destino nos reservava um presente: Ganhamos uma nova integrante, a cachorra "Floridog", foi assim que a batizamos. Nossa marçote, uma mistura de pastor alemão e vira-lata, começou a nos seguir. Além de abastecer nossos estoques de mantimentos, agora tinhamos que nos preocupar com nossa nova companheira, que não era nada modesta no quanto alimentava. Aos clássicos fritos com cereais, castanhas e carboidrato em gel, agregamos retalhos de carne para completar as nossas provisões. Por sorte, Floridog conhecia bem o caminho e nos guiou até o início da trilha da Praia dos Naufragados.

Era hora de deixar o asfalto e retornar o caminho instável sobre murgos e pedras molhadas. Entre raízes e troncos e retorcidos voltamos a trilha e aos perigosos diâmetros. Depois de ter dias e de mais de 100 km percorridos, atingimos o destino sul da ilha. Só a chuva forte chegou à Praia dos Naufragados, uma pequena porção de areia grossa. Paramos numa casinha com cobertura de palha que nos deu abrigo. Inesperadamente, uma mulher saiu atrás a varanda do sapê e nos ofereceu algo para comer. Ali fundamos uma pequena venda que além de comercializar mantimentos básicos, servia uma boa cachapa de terra. Ylma, que tomava conta do botepaim, nos contou um pouco sobre o local e sobre algumas histórias e lendas da região, entre elas, o mito da bruxa, que é tão antigo quanto a ocupação portuguesa naquela terra. Acreditava-se que as bruxas viviam para Florianópolis, junto a erários, pessoas doentes e desertores no século 18. Banidas da Europa acusadas de feitiçaria, foram deserdadas ali. Naquela época, a ilha, por conta desses exilados, era conhecida como Nossa Senhora do Desterro. Até hoje, no interior da cidade, principalmente nas comunidades da Lagoa da Conceição e Ribeirão da Ilha, é comum ouvir os casos de pessoas que foram vítimas desses feitiços, desfeitos apenas por antídotos benzedeiros.

A chuva amainou e aproveitamos para seguir viagem pela espessa vegetação. A trilha nos mudou repentinamente de direção. Agora caminhávamos para o norte, rumo à Praia dos Ingleses, onde tudo havia começado. Pelo lado leste, que agora enfrentamos, seguimos evitando as Três Ilhas, conjunto de ilhas voltadas para o oceano. Passamos pela Ilhota da Praia do Saquinho, e no final da tarde após um sobe-e-desce sem fim, esgotados, chegamos à Praia da Solidão para o merecido descanso.

5º dia. - O amanhecer veio sem chuva, mas o frio ainda persistia. Seguimos pelo Platão do Sul, lugar tipo de pedrões onde as casilhas e beira-mar balçavam altas costas operacionais trabalhadas. Produto das redemidas, coexistem no sul da ilha. Era oportuno frutar dos seus frutos para o norte do Pat, cubando nas tradições em um desafio às tendências globalizadas. Segundo elas, pegos são óniacs, tais rendas não assemelham nenhum lugar do Brasil.

O mar revoltoso e as ruínas interpedras podiam autuá. Na área, pedreados e blocos atirados espessam o tempo ideal para ir ao mar. O pedreador joazeiro contou que enquanto o mar esteve assim, era perigoso navegar e realizou aos sobreviventes companheiros que foram pescar e emitem por reboar ensua nas regressões. "No marçote se pode temerido", nos explicou o operante navegadouro completa. "Ficou não se perigo".

Diante do cenário, seguimos em direção a este e fomos obrigados a nos equivar entre pedras cobertas de lodo. Tivemos um desnível de 400 metros e repentinamente, a natureza nos revelou uma falésia desafiadora, deserta e paradisíaca. Avistamos a Lagoinha de Lente, que, devido a seu isolamento, mantém-se quase intocada, sendo muito provável caminhar sem encontrar vida, em plena capital turística. Trata-se de uma praia protegida pela geografia e cortada por uma lagoa, que de nome ao local, aliada, por uma bacia hidrográfica, formada por pequenos córregos, que nascem em cascata e buscam o mar.

Enquanto contornamos o cenário deserto, o sol resolveu dar as caras. Era hora de guardar as capas de chuva. Caminhamos até a primeira praia e pudimos ver novamente, os sinais de civilização. O nome Praia do Matadouro é antigo e vem da época em que era comum a pesca de baleias na região. Os pescadores montavam as armadilhas na Arradão, praia vizinha, e traziam as peixes em jarras, que hoje, infelizmente, não faz mais juízo no nome, já que estes mantidos agora, são protegidos por lei. Com sorte, entre os meses de julho e novembro, é possível avistar espécies de baleias que passam por essas águas, em busca do clima temperado e ameno para a reprodução.

Rumamos para a Lagoa do Pat, única lagoa de água doce da cidade, que com seu oco mil metros quadrados de área, possui, entre com a retidão, desafiadora e com o desperdício de população, o que mantém sua nível bem abaixo do ideal.

Seguindo para o Carapecho, vimos agora comendo a céu aberto em direção ao mar. É notável ver, que em pleno século 21, a capital mais badalada do sul do Brasil, referência em turismo e considerada um dos destinos mais belos do Pat, ainda sofre com o falta de saneamento. A situação de descaso não condiz com o status econômico da cidade.

6º dia. - Dando continuidade à nossa aventura, começamos mais um dia, enfrentando um vento forte e impetuoso. O tempo habilita complica o clima tipo do litoral sul do Pat. Caminhamos longo sobre beira mar e o destino da praia castigou os pedras. A paisagem se espalhou soberana, por uma vasta área, de restinga permeada sobre dunas e a vegetação rasteira. Chegamos à Joazeira, considerada uma das melhores praias para a prática de surf do Brasil.

Procuramos uma trilha não cortada, e por entre pedras coloridas, nos espremiamos entre fendas e gretas, que formavam um grande labirinto natural. A cachorra se mostrou habil para contornar os obstáculos e, mesmo assim, foi preciso carregá-la em alguns trechos. Tivamos que passar rapidamente por a maré ruibá e o caminho se tornou mais estreito e difícil. O terreno pedregoso e arenoso, não era forma de sepreção. Chegamos à Praia Mole castigada pelo sol escaldante e congestionamento à beira-mar, mas em quibor de clima de espetáculo. Hora de nos equivar sobre dunas desérticas e tradicionalmente delimitada. Agora, estamos diante do agito do capital. O freio cobel drava o ritmo dos eletrônicos, enquanto corpos bronzeados balçavam embaldados aos sem batimento vindo das barracas reguladas, drágo diversos. O consumo típico da capital e nos tentavam nos cas, que desafiavam o tempo de iras fechadas e vilarejos de pescadores, para começarmos a nos espremer entre turistas que se bronzeavam em praias agitadas. As edificações históricas e arquitetura açoriana, por sua vez, eram substituídas, em poucos quilômetros, por construções contemporâneas, compondo uma atmosfera superdesde e pendosa. A cidade adaptou-se aos novos tempos, do seu modo, parece abençoar as mudanças.

Por entre a vegetação rasteira e espinhosa, chegamos à Praia das Galinhas, protegida por um grande morro fronteiro e frequentada por nudistas que procuram o sossego desses áreas para um contato mais próximo com a natureza. Daí, caminhamos até a Ponta de Pedra (onde moram alguns pescadores da região) e fomos surpreendidos por contadores e milhares manas de história. Os "Homens de Sambaqui", como ficaram conhecidos, habitaram a ilha há quatro mil anos, deixando registros pré-históricos entre fendas e entranhas nos aglomerados de conchas, pinturas rupestres e sulcos nas rochas, onde avaliavam seus instrumentos de caça. Eram assim chamados por sua alimentação que se constituía praticamente apenas de moluscos, e o que sobras desse moluscos era chamado de sambaqui.

Começamos a rubida ao marante da Barra de Lagoa, e pelo caminho suramos, atingimos um pequeno platô de pedras no alto do morro, com uma vista magnífica de Lagoa da Conceição. Tentamos um pouco para

descansar e contemplar o visual. Nas rochas que empunham nossos corpos, vimos inscrições, pedras rupestres que comprovam a paisagem, feitas por nudistas que listaram em armar seus nomes e distar seus amores gravados para a posteridade. Descorramos para a Barra de Lagoa e, ao cair da noite, auxiliados pelas lanternas de cabeça e pelo fogo de Floridog, seguimos na escadaria pela Praia de Morambique e mais estesa da ilha. Chegamos no camping do Rio Vermelho, armamos a barraca e, exaustos, dormimos rapidamente.

7º dia. - Depois de ter dia enfrentando as adversidades da ilha, seguimos pela areia margeando o Parque Florestal do Rio Vermelho, onde a natureza está protegida em 400 mil metros quadrados. O vento forte insistiu em nos tirar do caminho, mas a temperatura de ar não reduziu o nosso entusiasmo, afinal, talvez, pouco para fechamos todo o destino da ilha. Contornamos o Costão do Santinho, e seguimos em direção às dunas que nos separavam da Praia dos Ingleses. Pelo cenário ainda continuamos esuficientes, pois atrás do banco de areia, estava nosso destino final. Chegamos no começo da tarde e fechamos o dia sob um calor extremo que não aprima o sabor de conquista. Após mais de 200 km rodados, por esse que deveu se tornar um dos roteiros de ecoturismo mais belos do Pat, pudimos finalmente tornar nosso destino de mar.



Dicas do Autor

“A empresa Adrenalina promove essa caminhada ao redor da ilha, com toda a logística necessária, disponível desde os primeiros meses do ano até o fim.”

(41) 3268-1414 / (41) 3204-3505 - www.adrenalina.com.br

“Dezesseis de toda a badalada, a ilha possui lugares e ambientes bem preservados, como a Lagoinha de Lente e a Praia do Saquinho. É possível caminhar por horas, sem encontrar vida, em plena alta temporada.”

“O Guia de Ecoturismo e Esportes de Aventura de Florianópolis descreve 15 trilhas que podem ser praticadas na ilha de Santa Catarina. Dicas de caminhada, canyoning, escalada, kitesurf, mountain bike, etc. Há ainda indicação de locais para a prática das modalidades, dicas de segurança, distâncias, além de um catálogo de serviços de apoio a turistas, com restaurantes.”

Um dia de caminhada em Florianópolis, a maior praia da ilha